

PERCEPÇÕES UNIVERSITÁRIAS SOBRE OS IMPACTOS DA CULTURA DIGITAL NA APRENDIZAGEM DURANTE A COVID-19

Guilherme Luiz Scheel ¹
Ana Lúcia de Souza Lopes ²

RESUMO

A transição quase que imediata dos ambientes educacionais presenciais para os virtuais, a partir do isolamento social ocasionado pela pandemia da Covid-19, foi a solução encontrada para que a educação não parasse e apresentou limites e possibilidades. Esta pesquisa teve como objetivo investigar a percepção de universitários sobre o impacto das aulas remotas, aplicadas on-line nesse momento em sua aprendizagem e no futuro da universidade. Este trabalho buscou analisar a relação professor/estudante e a incorporação de cultura digital na prática docente a partir da percepção discente, por meio da aplicação de um questionário on-line realizado na plataforma Google[®] Forms contendo 60 perguntas e teve 726 respondentes. Os resultados apontam que, apesar da insegurança, existe uma necessidade da incorporação das tecnologias no ensino presencial. No entanto, percebe-se ainda a urgência de uma mudança de mentalidade em que professores e estudantes possam incorporar a cultura digital nas formas de aprender e ensinar para promover uma integração efetiva do uso de tecnologias com intencionalidade nos processos de aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino remoto, Educação superior durante Covid-19, Cultura digital, percepção estudantil.

INTRODUÇÃO

Para realizar mudanças significativas nas práticas educativas, de modo que o ensino possa atender às demandas sociais do século XXI, é premente retomar o significado, o sentido, as teorias e as possibilidades de desenvolvimento da prática pedagógica (BANNELL et al, 2017; BACICH e MORAN, 2018). Encerrar de forma física o funcionamento do ensino superior devido uma pandemia e adotar um ensino remoto, que consiste em um modelo educacional on-line mediado por vias tecnológicas, sem dúvida impulsionou esta retomada (ANDREZA et al, 2020; DOSEA et al, 2020). Tal mudança levou professores e alunos a novas práticas educacionais requerendo uma posição crítica em relação à tecnologia, à informação e

¹ Pós-graduando do Curso de Especialização em Docência na Educação Superior da Universidade Presbiteriana Mackenzie, guilhermescheel@hotmail.com

² Doutora em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie - UPM, e especialista em Educação e Tecnologias pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar – analu.souza.lopes@gmail.com

ao conhecimento, em especial no que se refere a incorporação de cultura digital na educação universitária.

Apesar de abrigar pequenas totalidades e significados, mantendo-se desprovida de um sentido global e único, a cultura digital pode ser definida como a cultura de rede, a cibercultura que sintetiza a relação entre sociedade contemporânea e tecnologias digitais de informação e comunicação (HOFFMANN e FAGUNDES, 2008). O conceito de “cultura digital” é marcado justamente pela possibilidade de não somente termos acesso à informação, mas também, produzir, compartilhar e realizar ações de forma colaborativa. O fenômeno de construção coletiva e colaborativa permite uma reconfiguração da cultura, da sociedade e, também da educação (LEMOS, 2010). Vivenciáramos, portanto, novas formas de ser e estar no mundo, o que nos leva a identificar no contexto cultural relações que transitam entre as fronteiras do real e do virtual, caracterizado por uma cultura da conexão e desenvolvendo novas formas de diálogo, de compartilhamento, de conhecimento e de afetividade em que ocorrem interações sociais e transformações constantes.

Entretanto, a transição para um ensino digital converteu-se numa realidade repentina, como uma resposta imediata a uma crise, concretamente provocada pela pandemia, e com o objetivo de manter as atividades letivas criou-se uma nova modalidade: o ensino remoto. A transição quase que imediata dos ambientes presenciais para os virtuais foi a solução encontrada para que a educação não parasse, deixando milhões de estudantes num estado vertiginoso em que surgiram inúmeros limites, mas também possibilidades para construir os seus conhecimentos. Dessa forma, com a erupção da Covid-19, houve a necessidade de adaptação e improvisação das instituições de ensino e dos professores de forma rápida, desconsiderando de certa maneira a intencionalidade da cultura digital (TRINDADE et al, 2020; GOMES et al, 2021).

No Brasil, estudantes do ensino superior vivenciaram essas mudanças de forma diferenciada, pois embora, em sua maioria, sejam jovens já inseridos no mundo tecnológico e com uso amplo da Internet, um aumento nos níveis de ansiedade, depressão e estresse foi evidenciado. Conseqüentemente, houve também um aumento potencial nas taxas de evasão neste período. Um levantamento feito pelo Datafolha a pedido do C6 Bank, realizada entre os dias 30 de novembro e 9 de dezembro de 2020, indicou que 8,4% dos estudantes com idade entre 6 e 34 anos abandonaram a escola durante a pandemia, correspondendo a cerca de 4

milhões de estudantes. A taxa de abandono foi de 16,3% no ensino superior. Vivenciar disciplinas on-line divide as opiniões dos alunos: existem aqueles que acham que se aprende mais quando a aprendizagem se torna autônoma e há aqueles que acreditam que não se aprende assim e que estar presente no momento de aprender é essencial (PEREIRA et al, 2020; NUNES, 2021).

O objetivo deste estudo foi o de investigar a percepção dos alunos de ensino superior sobre o impacto das aulas remotas on-line no início da pandemia e sua percepção sobre a aprendizagem. Buscou-se compreender a relação de aprendizagem que os alunos estão estabelecendo com a instituição escolar, universitária e com a tecnologia, em meio a um quadro social impactante. Procurou-se identificar qual a percepção dos alunos sobre as experiências educacionais vivenciadas por aulas remotas nesse período de quarentena, identificar os sentimentos que os alunos mais expressam nesse momento e como lidam com eles. A pesquisa teve como pressuposto que o impacto das questões afetivas no processo de aprendizagem pode variar e impactar nos processos de aprendizagem. Também teve como hipótese que os alunos terão novas exigências para o processo de ensino e aprendizagem nas aulas presenciais, a partir dessa experiência de estudos mediados prioritariamente por tecnologia.

METODOLOGIA

A presente pesquisa buscou analisar e avaliar a relação professor/estudante e a incorporação de cultura digital na prática docente no período do ensino remoto (ocasionado pela pandemia do coronavírus) por meio da aplicação de um questionário online realizado na plataforma Google[®] Forms (Mountain View, CA, EUA) contendo 60 perguntas, de abril a junho de 2020, categorizadas previamente em: identificação do perfil dos participantes, participação nas aulas on-line, infraestrutura e estratégias das disciplinas e percepções e experiências de aprendizagem. Optou-se pelo questionário por ser um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas sem a presença do entrevistador, com o objetivo de obter informações relevantes (BARROSO et al, 2020; GIANOTTO et al, 2003). Anterior a coleta de dados, o questionário foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição de Ensino Superior³. Realizou-se a coleta durante o período de abril a junho de 2020, e as respostas de 726 formulários foram analisadas de um total de 739

³ (CAAE): 30762720.2.0000.0084

respondentes. Os dados do relatório estão disponibilizados no relatório QUARENTENA COVID19 (VIEIRA e LOPES, 2020).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

a. Identificação do perfil dos participantes

As primeiras questões tiveram enfoque para identificação do perfil dos participantes. As variáveis avaliadas foram: localização, faixa etária, tipo de instituição, área do saber e nível do curso em que está matriculado. A pesquisa contou com participantes de 10 estados brasileiros (Rio Grande do Sul, Paraná, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco, Paraíba, Piauí e Maranhão). Em valores numéricos das participações, 74,10% vieram do estado de São Paulo, 10,46% do vieram do estado do Rio de Janeiro e 15,44% dos demais estados.

Dentre as faixas etárias, seis delas foram evidenciadas: 18 a 24 anos, 25 a 30 anos, 31 a 40 anos, 41 a 50 anos, 51 a 60 anos e 61 a 70 anos. Esta quantidade de faixas etárias pode ser explicada pelas medidas políticas de ação afirmativa, fruto de pressões sociais iniciadas nos anos 1990, adotadas por governos (nas esferas federais e estaduais) e entidades civis no Brasil (MOEHLECKE, 2002). Entretanto, 76% dos estudantes avaliados fazem parte de apenas duas faixas etárias (18 a 24 anos e 25 a 30 anos), ocasionando uma média de idade (24 anos) muito próxima da média total de idade dos graduandos relatada pela V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES – 2018 (24,4 anos) (ANDIFES, 2018).

Sobre o tipo de instituição, 84,30% dos participantes disseram fazer parte da rede privada de ensino enquanto 15,70% fazem parte da rede pública. Nas áreas do saber, 82,20% dos estudantes estão nas áreas de educação, saúde e bem-estar social, humanidades, e ciências sociais aplicadas, negócios e direitos enquanto 17,8% se encontram em cursos de engenharia e demais áreas. Em relação a modalidade de ensino, 87% fazem parte de cursos de graduação, 10% estão em cursos de pós-graduação *stricto sensu* e 3% fazem cursos de pós-graduação *lato sensu*.

b. Identificação do perfil dos participantes

Nesta categoria de questões, avaliou-se o contato e participação dos estudantes com recursos de educação on-line e/ou educação à distância (EaD). As duas primeiras questões, Figura 1, estão relacionadas com o contato dos estudantes com os recursos de educação on-line

e/ou educação a distância. Observa-se pela Figura 1A que 91,70% das instituições possibilitaram o contato total ou parcial as disciplinas pelo modo online. Este dado corrobora com a porcentagem de alunos que participam da rede privada de ensino, devido as experiências prévias das instituições de ensino superior privadas na implantação de atividades remotas, como também por apresentar professores capacitados na modalidade EaD enquanto as instituições públicas sofriam com as propostas difusas apresentadas pelo Ministério da Educação neste período (RIBEIRO e CORRÊAN, 2021; ARRUDA, 2020).

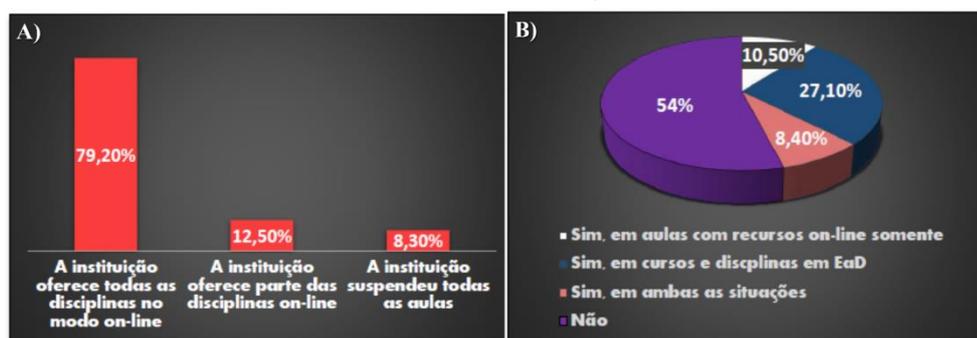


Figura 1. Representação gráfica das respostas obtidas para as questões A) “Sobre o oferecimento de aulas online, neste período de quarentena:” e B) “Você já havia tido experiência em aulas com recursos online e/ou educação a distância antes da quarentena?”. (n = 726). Fonte: (VIEIRA e LOPES, 2020).

Sobre a relação dos alunos com a educação online, Figura 1B, observa-se que 54% deles nunca tiveram contato com aulas nesta modalidade e/ou EaD antes da quarentena. O medo e o estresse das consequências do desconhecido corroboram com esta porcentagem, tanto para os docentes quanto para os discentes. No ensino on-line, os professores podem se sentir fragmentados por estarem em vários ambientes, incluindo os virtuais. Como também sentir mudanças na configuração da sua autoridade em relação aos estudantes, propiciando condições para que assuma ser falível como qualquer outra pessoa e não refute a informação que o estudante lhe apresenta, através da consulta online de determinado assunto que está sendo discutido em sala de aula. Percebe-se, assim, que é necessário um reinício da carreira docente com referência na necessidade de aprender uma nova pedagogia, diferente daquela a qual já está acostumado a lidar ao atuar na educação presencial (ANTUNES e BATISTA, 2016; SILVA et al, 2016).

Em relação aos discentes, é sabido que um número substancial de aprendizes não tem a motivação, a autonomia e a disciplina necessárias para completar um curso universitário na modalidade à distância. O ensino não presencial pode provocar sentimentos de solidão no aluno, que por vezes sente-se desmotivado pela necessidade de interação, atenção e apoio por parte

dos docentes (DOSEA et al, 2020; LITTO, 2014). Este fato é evidenciado nas respostas da questão da Figura 2, onde nota-se que 29% participam apenas de uma parte das aulas ou de nenhuma, enquanto a 66% dos estudantes conseguem se organizar de modo a participar de todas as aulas online. O ideal seria a totalidade de participações.

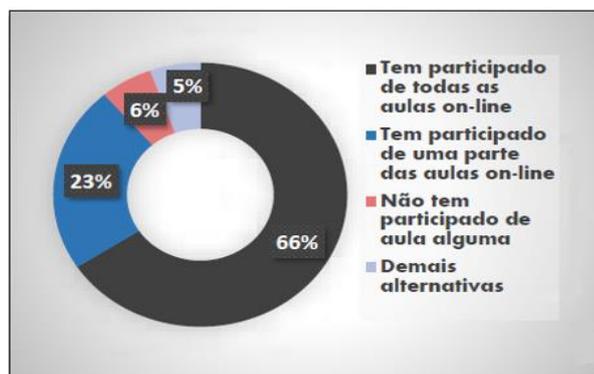


Figura 2. Representação gráfica das porcentagens das respostas obtidas para a questão “Caso sua instituição esteja oferecendo parte ou todas as disciplinas no modo online, marque a opção que melhor descreve o seu momento:” (n = 726). (VIEIRA e LOPES, 2020).

Quando questionadas as razões dos discentes não participarem de algumas ou de todas as aulas, conforme mostrado na Figura 3, verifica-se que os estudantes tiveram muita dificuldade em organizar sua rotina de estudo a partir da migração do ensino presencial para o ensino remoto devido não conseguir dissociar os estudos da rotina pessoal ou não se adaptarem aos recursos tecnológicos necessários. Estas respostas mostram que a cultura digital ainda enfrenta muitas dificuldades para inserir-se nos contextos escolares. Indubitavelmente, os contextos de aprendizagem aplicados neste período pandêmico de modo totalmente diferente daqueles da educação formal, com uma menor participação e controle dos professores nos processos de avaliação e certificação, trazem o desafio de pensar formas de estímulo a futuras práticas educacionais híbridas, sem perder de vista o caráter formativo dos estudantes (BACICH e MORAN, 2018; PEREIRA et al, 2020).



Figura 3. Representação gráfica das porcentagens das respostas obtidas para a questão “Qual(is) a(s) razão(ões) de você não participar de algumas ou de todas as aulas?”. Nessa pergunta havia a possibilidade de escolher mais de uma resposta. (n = 248). Fonte: (VIEIRA e LOPES, 2020).

c. Infraestrutura e estratégias das disciplinas

No âmbito universitário, diante da interrupção das atividades presenciais na grande maioria das instituições de ensino superior (IES) pelo acontecimento pandêmico, muitos cursos de graduação necessitaram de infraestrutura e estratégias adequadas para plena execução das aulas e da gestão. Diferente da EaD, que é apoiada num desenho instrucional predefinido, com panejamento cuidadoso por equipes especializadas em desenvolver ambientes virtuais imersivos para uma experiência educacional essencialmente assíncrona, as soluções adotadas pelos cursos presenciais das IES foram/são soluções temporárias, adaptadas aos recursos e às possibilidades disponíveis e com manutenção da interação síncrona para mediação, visando escapar da simples transposição das aulas presenciais para o ambiente digital (SANTOS et al, 2020; AMARAL e POLYDORO, 2020). Estas condições foram levadas em consideração para avaliar tanto os fatores positivos quanto os negativos, apresentados nas respostas do questionário desta seção.

Em relação as plataformas de ensino-aprendizagem utilizadas neste período, a maior parte dos entrevistados relataram a utilização de softwares livres, de apoio a aprendizagem, como a plataforma selecionada pelos professores para continuidade dos estudos. Somente 7,9% das plataformas de ensino utilizadas foram desenvolvidas pelas próprias instituições, segundo os respondentes. Mesmo antes da pandemia, plataformas digitais já mediavam quase todos os aspectos da vida moderna. Por conta das medidas de enfrentamento ao coronavírus, no entanto, tais plataformas tornaram-se ainda mais imprescindíveis e mais poderosas em seus nichos. Devido a tais fatores, reguladores e formuladores de políticas públicas - com intuito de manter a internet competitiva, disponível e acessível para trabalhadores, famílias e negócios - têm buscado soluções inovadoras para lidar com as novas questões trazidas pelos modelos de negócios que tais plataformas engendram (GONÇALVES, 2020). Buscando manter outro contato de modo assíncrono, também foi relatado que 49% dos professores utilizaram aplicativos de mensagens e/ou redes sociais. De fato, perceber esta utilização como dispositivo pedagógico não é incomum devido a uma série de aspectos, como: a potencial usabilidade em diversos modelos de dispositivos tecnológicos (até mesmo aqueles de tecnologia mais simples),

a elevada popularidade, a disponibilização gratuita, a facilidade de compreensão para utilização e a possibilidade não limitada de troca de recursos textuais e audiovisuais (SOUZA, 2020).

Os formatos de conteúdo mais utilizados, verificados nas respostas contidas na Figura 4A, foram em 78,7% textos avulsos PDF, Word, seguidos por 75,2% Power Point e 68,7% por vídeos. Esta pouca diversificação de recursos, disponibilizada pelos professores, evidencia uma dificuldade de adaptação e flexibilização em relação à uma nova forma de ensino-aprendizagem, como também a dificuldade da utilização das ferramentas tecnológicas para o ensino. Tais formatos utilizados fortificam as abordagens educacionais centradas na fala do professor, na leitura de livros e na passividade do estudante, que apenas responde às questões solicitadas. Na pesquisa realizada por Godoi e colaboradores (GODOI et al, 2020), os professores entrevistados comentaram que este abandono provocou sentimentos de angústia, inquietações, inseguranças, dúvidas e sobrecarga de trabalho.

No que se refere a questões mais focadas ao uso das metodologias e/ou estratégias em videoconferências, apesar de ter sido relatado um uso significativo desta tecnologia (83% das respostas foram positivas para a questão “Os professores têm proposto videoconferências?”) e da considerável participação dos estudantes (72% das respostas para a questão “Em relação apenas a sua turma, quando há uma videoconferência, quantos colegas participam em média?” estão contidas nas opções "a turma inteira", "mais da metade da turma" e "cerca da metade da turma") mediante a não obrigatoriedade da presença (61% das respostas à questão “Quando se realizam videoconferências, sua participação é obrigatória?” foram em negação), 77,1% das respostas à questão “Durante a realização de uma videoconferência, os professores utilizam algum recurso adicional de interação?” relataram a pouca ou nenhuma utilização de recursos adicionais de interação. Quando o questionamento é mais específico sobre quais estratégias verifica-se o uso de recursos adicionais de interação em videoconferência como o mural colaborativo em 33,3% e do Mentimeter em 26%. Sobre os métodos de avaliação mais utilizados, não houve novidade haja vista que as estratégias e recursos utilizados no ambiente virtual ainda estão fortemente ligados a um estilo de aula mais tradicional, sendo necessários movimentos de incorporação e uso de recursos tecnologias nas práticas educacionais a serem propostas. Na pesquisa demonstra-se que 88,4% foram avaliados através de avaliação de trabalhos, relatórios, tarefas ou exercícios postados, tendo o segundo mais sinalizado os questionários ou provas online em 58,7%, seguidos por 35,1% de avaliação de seminários ou

semelhantes. Apenas 15% dos docentes utilizaram atividades colaborativas (wiki, murais, portfólios, projetos, textos e outros) como método de avaliação.

d. *Percepções e Experiências de Aprendizagem*

Ao analisar as questões envolvendo o aproveitamento estudantil e o sentimento perante a modalidade do ensino remoto, têm-se que 43% dos estudantes estão conseguindo realizar e participar de todas as atividades, 33% conseguem parcialmente e 24% não conseguem. Do grupo que não aproveita o ensino remoto, 78% justifica-se em não acreditar que a modalidade tenha a mesma intensidade do que o ensino presencial. Tal justificativa reforça a premissa de que alguns aprendizes não apresentam a motivação, a autonomia e a disciplina necessária para permanecer nesta modalidade de ensino. Entretanto, não se pode desconsiderar que a falta dessas características se deu pelos sentimentos negativos gerados neste período pandêmico. Conforme evidenciado na Figura 4, nota-se a prevalência de sentimentos negativos (insegurança, desorientação e sobrecarga) perante aos sentimentos positivos (curiosidade, entusiasmo e alegria com novas descobertas). Possivelmente, a superioridade de sentimentos negativos ocasionou-se devido a uma forçada adaptação ao ensino remoto, como também o sentimento de falta de diálogo com os professores e colegas.

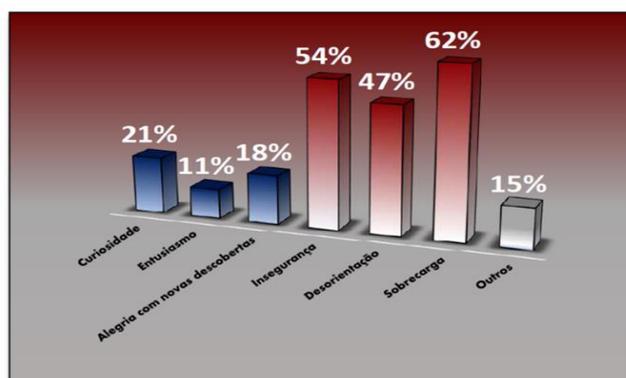


Figura 4. Representação gráfica das respostas obtidas para a questão “Seja por questões relacionadas à Covid-19 e à quarentena, ou ao formato das aulas remotas, qual sentimento melhor descreve sua reação a sua experiência de aprendizagem neste período?” Nessa pergunta havia a possibilidade de escolher mais de uma resposta. (n = 726). Fonte: (VIEIRA e LOPES, 2020).

Sobre o futuro do ensino superior, ao serem questionados se esta experiência de ensino remoto influenciará as aulas presenciais após o retorno da quarentena. Verificou-se que 18,9% considera que haverá mudança com maior uso de tecnologia e 43,9% considera que talvez alguns professores se apropriem dos novos recursos. Tal fato revela que, apesar da insegurança,

existe uma percepção da necessidade da incorporação das tecnologias no ensino presencial. Ao mesmo tempo um índice expressivo (21,9%) demonstra-se resistente à mudanças. Logo, cabe ao docente repensar suas percepções e práticas para a integralização efetiva de tecnologias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados desta pesquisa mostrou-nos os desafios de adaptação dos participantes da modalidade de ensino remoto durante a situação pandêmica.

Para os professores, observou-se que a ruptura imposta pela pandemia gerou uma mobilização para procura de alternativas de atuação docente e a percepção da possibilidade de uma renovação das práticas a partir da incorporação de novos recursos e metodologias às suas aulas. Contudo, as estratégias e recursos utilizados no ambiente virtual neste período permaneceram em um estilo de aula mais tradicional, sendo necessários para adaptação e incorporação de tecnologia nas práticas pedagógicas do ensino superior.

Em relação aos estudantes, foi possível constatar que os acadêmicos entrevistados avaliam o aprendizado no ensino remoto como relevante. Uma expressiva quantidade afirmou conseguir acompanhar as atividades totalmente ou parcialmente, como também afirmou acreditar em mudanças no ensino com maiores usos tecnológicos. Entretanto, notou-se que algumas interferências acabam influenciando negativamente no desenvolvimento do acadêmico, como a falta de autonomia, rejeição à tecnologia e a desigualdade de acesso. Dentre os diversos fatores que justificam estas influências negativas, pode-se destacar os sentimentos como insegurança, desorientação e sobrecarga permearam as interações no ensino remoto. Conclui-se assim, a existência de um desafio em adquirir novos conhecimentos, novas habilidades e novos métodos de ensino que influenciam a qualidade de interação entre professor-aluno, com intuito de geração de sentimentos empáticos.

Diante do cenário que condiciona o distanciamento social, a alternativa do ensino remoto se mostrou significativa pois oportunizou novas aprendizagens profissionais, mudanças comportamentais e à integração das tecnologias digitais de informação e comunicação no processo pedagógico. Este é um desafio que se coloca para a formação dos futuros profissionais da área não somente no Brasil, mas também em outros países.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, E.; POLYDORO, S. Os desafios da mudança para o ensino remoto emergencial na graduação na UNICAMP-Brasil. **Linha Mestra**, n.41A, p. 52-62, 2020.
- ANDREZA, R. S.; ALVES, E. J. S.; MARTINS, L. H.; SILVA, R. H.; SILVA, S. D. A.; NOGUEIRA, T. L.; GOMES, R. N.; SANTOS, J. C. S. Os impactos da Covid-19 na educação por meio do ensino remoto. **Revista Interfaces**, v. 8, n. 3, p. 630-635, 2020.
- ANTUNES, J. T.; BATISTA, P. V. C. Ead e desafios de interação: um estudo de revisão. **Revista Multitexto**, v. 4, n. 01, p.32-36, 2016.
- ARRUDA, E. P. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempo de Covid-19. **EmRede**, v.7, n.1, p.257-275, 2020.
- Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes). V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES - 2018: Relatório Executivo. Disponível em: <[www.https://www.andifes.org.br/?p=79639](https://www.andifes.org.br/?p=79639)>. Acesso em: 29, agosto 2021.
- BACICH, L.; MORAN, J. Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. 1ª ed. Porto Alegre: Penso Editora Ltda, 2018.
- BANNEL, R. I.; DUARTE, R.; CARVALHO, C.; PISCHETOLA, M.; MARAFON, G.; CAMPOS, G. H. B. Educação no século XXI: cognição, tecnologias e aprendizagens. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.
- BARBOSA, A. M.; VIEGAS, M. A. S.; BATISTA, R. L. N. F. F. Aulas presenciais em tempos de pandemia: relatos de experiências de professores do nível superior sobre as aulas remotas. **Rev. Augustus**, v25, n.51, p. 255-280, 2020.
- BARROSO, A. L. R. Instrumentos de pesquisa científica qualitativa: vantagens, limitações, fidedignidade e confiabilidade. **EFDesportes.com**, n.172, 2012.
- DOSEA, G. S.; ROSÁRIO, R. W. S.; SILVA, E. A.; FIRMINO, L. R.; OLIVEIRA, A. M. S. Métodos ativos de aprendizagem no ensino online: a opinião de universitários durante a pandemia de Covid-19. **Interfaces Científicas**, v.10, n.1, p. 137-148, 2020.
- GIANOTTO, D. E. P; DINIZ, R. E. S.; MARICATO, F. E. Caracterização dos alunos-professores participantes da pesquisa "Formação inicial de professores de ciências e biologia e uso de computadores: análise de uma prática colaborativa". In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 4, 2003, Bauru.
- GODOI, M.; KAWASHIMA, L. B.; GOMES, L. A.; CANEVA, C. O ensino remoto durante a pandemia de covid-19: desafios, aprendizagens e expectativas dos professores universitários de Educação Física. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 10, p. 1-19, 2020.
- GOMES, M. T. M.; LOPES, A. L. S.; DIAS, A. L. B. Ensino remoto durante a Covid-19: percepção da aprendizagem em ambientes digitais para o componente termodinâmica no ensino superior. **Revista Espaço Crítico**, v.2, n.2, 2021.
- GONÇALVES, P. B.; COUTINHO, D. R; KIRA, B.. Vírus e Telas: o direito econômico das plataformas digitais na pandemia de COVID-19. **Revista Direito e Práxis**, Ahead of print, Rio

de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/51741>. Acesso em: 07 setembro 2021.

HOFFMANN, D. S.; FAGUNDES, L. C. Cultura digital na escola ou escola na cultura digital? **Novas Tecnologias na Educação**, v.6, n.1, p. 1-11, 2008.

LE MOS, A. Jogos móveis locativos – Cibercultura, espaço urbano e mídia locativa. **Revista USP**, n. 86, p.54-65, 2010.

LITTO, F. M. As interfaces da EaD na educação brasileira. **Revista USP**, n. 100, p. 57-66, 2014.

MOEHLECKE, S. Ação Afirmativa: histórias e debates no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p. 197-217, 2002.

NUNES, R. C. Um olhar sobre a evasão de estudantes universitários durante os estudos remotos provocados pela pandemia do Covid-19. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 3, p. 1-13, 2021.

PEREIRA, R. M. S.; SELVATI, F. S.; RAMOS, K. S.; TEIXEIRA, L. G. F. Vivência de estudantes universitários em tempos de pandemia do Covid-19. **Revista Práxis**, v. 12, n. 1, p. 47-56, 2020.

RIBEIRO, H. C. M.; CORRÊAN, R. Estratégias de ensino praticadas nas instituições de ensino superior privada de um grupo educacional do Brasil frente a pandemia do Covid-19. **Revista Gestão Organizacional**, v.14, n.1, p.333-355, 2021.

SANTOS, C. C.; PAILLARD, G. A. L.; MOREIRA, L. O.; FILHO, F. R. S.; COUTINHO, E. F. Uma análise qualitativa sobre atividades remotas em disciplinas no período de isolamento social. In: Simpósio Brasileiro de Informática na Educação, 31, 2020, Natal.

SILVA, M. A.; COSTA, L. A.; BIZARRIA, F. P. A. Resistência docente à educação a distância (EaD): análise de trajetórias em busca de novas epistemologias. **Revista EDaPECI**, v 16, n.1, p. 47-62, 2016.

SOUZA, A. N. G. A utilização do aplicativo de mensagens whatsapp como recurso promotor de acolhimento e de incentivo à leitura em tempos de pandemia. In: Congresso Internacional de Educação e Tecnologias, 5, 2020, São Paulo.

TRINDADE, S. D.; CORREIA, J. D.; HENRIQUES, S. O ensino remoto emergencial na educação básica brasileira e portuguesa: a perspectiva dos docentes. **Rev. Tempos Espaços Educ.**, v.13, n.32, p. 1-23, 2020.

VIEIRA, M.M.S; LOPES, A.L.S (org). QUARENTENA COVID19: percepção de alunos sobre sua aprendizagem. São Paulo: Ed. Dos Autores, 2020. Disponível em: <https://www.geics.com.br/quarentena-covid19>. Acesso em: 15/09/2020.